



INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO CIVIL FAVELA É ISSO AÍ • ANO 1 • NÚMERO 05 • ABRIL DE 2007 • TIRAGEM: 3 MIL EXEMPLARES

OPINIÃO
02

**CULTURA DA PERIFERIA
BRASILEIRA ROMPE AS
FRONTEIRAS E INVADE
A ÁFRICA**

Por Dj Francis

BANCO DA
MEMÓRIA
03

**SAIBA MAIS SOBRE A
HISTÓRIA DE BELO
HORIZONTE! CONHEÇA UM
POUCO DAS VILAS
CALIFÓRNIA, SUMARÉ,
CONJUNTOS CONFISCO E,
MARIANO DE ABREU E VILA
BOA VISTA.**

OUTRO UMBIGO
07

**PROJETO SOCIAL SEM
PATROCÍNIO? É POSSÍVEL!
CONHEÇA A EXPERIÊNCIA
ARGENTINA.**

Por Ludmila Ribeiro

FAVELA É ISSO
AÍ RECOMENDA
08

**ORIENTE-SE! SE VOCÊ QUER
CONHECER A FUNDO O
UNIVERSO CULTURAL DAS
VILAS E FAVELAS,
ACOMPANHE NOSSAS DICAS:
BIBLIOGRAFIA, FILMOGRAFIA,
MÚSICA, PONTOS DE
ENCONTRO, OBRAS DE ARTE.**

COLECIONE! ESTA É A QUINTA EDIÇÃO DO INFORMATIVO FAVELA É ISSO AÍ

Nesta edição você acompanha a história e conhece artistas de mais quatro comunidades da periferia de Belo Horizonte. Aqui você encontra também sugestões de leituras, vídeos e lugares legais, tudo relacionado ao tema vilas e favelas. O nosso objetivo é que a população tenha acesso à produção cultural da periferia da cidade. Colecione jornais e monte seu banco de dados. Belo Horizonte tem, pelo menos, 226 vilas, favelas e Conjuntos Habitacionais. Conheça esta história!



BRASIL: UMA REFERÊNCIA CULTURAL NA ÁFRICA - O MELHOR LUGAR DO MUNDO

A cultura da periferia vem rompendo as fronteiras do Brasil e chegando a vários lugares do mundo. Recentemente fui um meio de difusão desta cultura no continente africano, mais especificamente em Nairobi/Kênia, onde fui palestrante no Fórum Social Mundial 2007. Na terra mãe, descobri que a violência, o samba e o futebol não são as únicas vedetes do Brasil. Boa parte da produção cultural das vilas e favelas brasileiras é mundialmente conhecida. O caso mais surpreendente que presenciei foi da rádio que visitei na segunda maior comunidade periférica de Nairobi, a única rádio comunitária daquele país. Na conversa com dois dos fundadores, eles contaram que a proposta inicial era montar uma TV comunitária, mas não conseguiram recursos para isto e, na busca de dar voz para aquela comunidade, eles iniciaram um processo de pesquisa na Internet, em busca de alternativas.

Foi quando eles ouviram falar em "uma tal de rádio favela", localizada em Belo Horizonte. Neste momento, os olhos do fundador brilharam, enquanto ele contava sobre o cara que havia sido preso cinco vezes e que resistiu contra o estado até conseguir concretizar seus sonhos (se referindo ao presidente da Rádio

Favela - Misael). Passaram então a se inspirar nesta tal rádio, mobilizaram a comunidade para criar a primeira rádio comunitária daquele país e, com o apoio de uma ONG internacional, conseguiram a doação dos equipamentos necessários.

Três semanas após a implantação da rádio, o governo fechou a emissora. Com a mobilização da comunidade, em pouco tempo eles reabriram e a mantém em pleno funcionamento, priorizando a difusão dos trabalhos que não têm espaços nos meios formais de comunicação, como o hip-hop.

Outro exemplo de afinidade com o Brasil foi o que aconteceu comigo e meu amigo Toni C nos dias que seguiram ao Fórum. Coincidentemente, usávamos a camisa do grupo AfroReggae, do Rio de Janeiro. Várias pessoas, de vários países diferentes, nos abordaram, querendo saber se éramos do grupo. Explicamos que éramos parceiros do AfroReggae, e tivemos certeza do reconhecimento deste grupo no exterior. Foi a confirmação de que a cultura brasileira é capaz de garantir um lugar amplo e especial no resto do mundo.

EXPEDIENTE

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Clarice Libânio

REDAÇÃO:

Equipe Favela é Isso Ai

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Edilene Lopes - MTb - MG 09415 JP

COORDENAÇÃO DE PESQUISA:

Edmar Pereira da Cruz

PESQUISADORES:

Juliano César Pereira Jardim e Júnio Marques da Silva (Blitz)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Voltz Design

FOTOS:

Equipe Favela é Isso Ai, exceto Aruê das Gerais - foto de Pedro David - Caixa Preta Fotografia

COLABORADORES:

Dj Francis, Ludmila Ribeiro, César Mauricio

ESTAGIÁRIA:

Luciana Matsushita

ENDEREÇO:

Avenida do Contorno, 4023/908, São Lucas.
CEP - 30110-090. BH/MG.

TEL: (31) 3282-3816

SITE: www.favelaeissoai.com.br

EMAIL: favelaeissoai@hotmail.com

IMPRESSÃO:

Gráfica O Lutador - Praça Padre Júlio Maria,
01, Planalto - BH/MG. Tel: (31) 3439-8000

VOCÊ SABIA?

Saiba mais sobre as vilas e favelas da capital mineira.

Confira as informações sobre população e infra-estrutura.*

VILA CALIFÓRNIA

A Vila Califórnia ocupa uma área 207.315 m²

A comunidade fica na Regional Venda Nova

Cerca de 7.700 pessoas moram no local

Mais de 85% dos domicílios estão ligados à rede geral de esgoto ou pluvial

Quase 99% das casas são abastecidas através de rede geral

Praticamente 100% das residências são atendidas pelo serviço de limpeza

CONJUNTO CONFISCO

O Conjunto ocupa uma área de 207.315 m²

Localiza-se na Regional Venda Nova, bairro Jardim Leblon

A população total residente é de 7.669 pessoas

A taxa de alfabetização na comunidade é 82,8%

Mais de 85% das casas são ligadas à rede geral de esgoto ou pluvial

Quase 100% das residências têm coleta de lixo

VILA SUMARÉ

A vila ocupa uma área de 87.381 m²

Está localizada na Regional Noroeste

Residem no local 1.508 pessoas

93% da comunidade têm rede de esgoto

Quase 100% da população têm abastecimento de água pela rede geral

CONJUNTO MARIANO DE ABREU E VILA BOA VISTA

A área total do Conjunto Mariano de Abreu é de 145.337 m², enquanto a Vila Boa Vista tem 33.046 m²

Ambos estão localizados na Regional Leste e são vizinhos dos bairros São Geraldo e Boa Vista

No Mariano de Abreu 80% das casas são ligadas à rede oficial de esgoto, percentual esse de 67% na Vila Boa Vista

No Mariano de Abreu, 94% dos lares são abastecidos com energia elétrica, enquanto na Vila Boa Vista a energia elétrica chega a 98% das casas

BANCO DA MEMÓRIA

Apesar de tão antigas quanto a cidade, as favelas não constam da história oficial de Belo Horizonte. Veja a seguir como surgiram e qual o perfil cultural de quatro comunidades da Capital mineira. *

CONJUNTO CONFISCO

História

Depois de muitas conquistas, alguns moradores ainda aguardam o básico: a obtenção do título de propriedade.



O Conjunto Confisco nasceu em 1988 e está localizado na Regional Pampulha, divisa com o município de Contagem. Segundo moradores mais antigos, o terreno era de propriedade de um homem chamado Luciano Farah. Num primeiro momento, 60 famílias de várias partes da cidade ocuparam o espaço. Logo depois, chegaram mais 100 famílias, provenientes do acampamento do Conjunto Mariquinhas, que ocuparam as áreas mais altas e acidentadas do terreno. Segundo Roseli Martins Torres, vice-presidente da Associação Pró-Melhoramentos do Conjunto Confisco, a área foi cedida pelo Governo do Estado e na época da entrega do material de construção os primeiros moradores tiveram prioridade, o que acabou provocando alguns conflitos.

De acordo com moradores, o nome do bairro não foi escolhido pelas famílias, que gostariam que a comunidade se chamasse bairro São Jorge, por causa de um morador importante para o movimento comunitário. Mas eles contam que a Prefeitura, por sua vez, optou pelo nome Confisco.

As primeiras moradias eram improvisadas em lonas e as condições de habitação eram insuficientes, havia carência de água, luz, rede de esgoto, transportes e pavimentação. Existia também um enorme buraco no loteamento que servia como depósito de lixo, já que não havia coleta. Além de propiciar a proliferação de animais peçonhentos e insetos, o buraco impedia o trânsito de carros. Hoje, o local é a Praça do Conjunto, viabilizada com verbas do Orçamento Participativo.

Hoje a comunidade possui água tratada, rede de esgotos, ruas pavimentadas, escolas, igrejas e posto de saúde, mas

segundo Maria das Graças Silva Ferreira, presidente da Associação, as famílias ainda lutam pela obtenção do título de propriedade.

PERFIL CULTURAL

Apesar de não ter um Centro Cultural próprio - o mais próximo é o da Pampulha -, a comunidade mantém produção artística ativa, com destaque para o artesanato

O artesanato é atividade predominante no Conjunto Confisco. Dos 30 artistas cadastrados pela equipe do Favela é Isso Aí, 37% são artesãos com as mais diversas especialidades, passando pelas bijuterias, crochê, tricô e peças de material reciclado. A música é a segunda manifestação artística mais presente, com oito artistas, 27% do total, com lugar para o funk, o gospel e a MPB. O destaque é para Xisto, membro do grupo musical "Os Guigas", que carrega a história de várias gerações.

A dança vem em terceiro lugar, com seis representantes de estilos variados - funk, axé, quadrilha, dança afro e forró. Na comunidade foram encontrados quatro artistas plásticos e um ator. Nas artes plásticas, destaque para o grafite, atividade estimulada pelo Projeto Guernica, que atuou na região.

A maior necessidade relatada pelos cadastrados foi a falta de recursos materiais e financeiros, citada por 80% dos entrevistados. A necessidade de divulgação foi pontuada por 60% dos artistas do Conjunto e quase 35% reclamaram da falta de espaço para expor o trabalho.

03

ARTISTA DESTAQUE

O grafiteiro que se transformou em designer de estampas

A trajetória artística do designer e grafiteiro Thiago Wellington da Silva (24) teve início há nove anos. Foi no Conjunto Confisco, onde mora, que o jovem conheceu as artes plásticas, através do Projeto Guernica. Da comunidade, além da formação artística, o artista recebeu também uma de suas principais fontes de inspiração. "A vida na periferia é minha inspiração, assim como o Hip-Hop, o Surrealismo e o Realismo", conta.

Ele conta que o começo no grafite foi difícil, em razão do valor alto das tintas, dificuldade comum à maioria dos artistas. A atuação comercial começou em 2003, quando foi contratado para fazer uma pintura no muro de uma unidade da Telemar. A partir deste trabalho, surgiram outros, que possibilitaram a Macabro o investimento em material e também na profissionalização. Hoje, ele pinta em locais diversos, como escolas, fachadas de lojas, instituições, igrejas e centros espíritas, além de trabalhar como designer numa empresa especializada em estamparia têxtil.

Na empresa, o artista cria estampas que são enviadas para outros países, como China e Coréia. Paralelamente, há seis meses montou um estúdio de desenho têxtil especializado, chamado Estúdio Rabisco, formado por ele, Sorriso e Chandra, todos ex-alunos do Projeto Guernica.

Entre os planos futuros de Macabro e seus amigos, está a montagem de uma exposição com o tema "Madeiras Tortas e Linhas Retas", cuja proposta é pintar em madeira velha, reciclando.

Telefone de Contato: (31) 9154-2955 / 3291-7050



Thiago Wellington, o **Macabro**, que, entre suas diversas atividades, cria e exporta desenhos

EQUIPE DO CONJUNTO CONFISCO

Pesquisador: Juliano César Pereira Jardim Correspondentes da Comunidade: Jean Carlo Fernandes Cardoso e Wallace Moreira de Souza

* O Banco da Memória é um projeto financiado com recursos do Instituto Telemar. Veja versões ampliadas dos históricos e cadastro completo de artistas no site www.favelaeissoai.com.br

VILA CALIFÓRNIA

História

Meio ambiente: depois de mais de 30 anos, moradores ainda lutam pela canalização do córrego



A área onde hoje está situada a Vila Califórnia pertencia à antiga Fazenda Camargos, também chamada Fazenda da Mata. Antes da ocupação de fato, já moravam algumas pessoas no local, principalmente empregados da fazenda, que plantavam próximo ao córrego. A herança do terreno, de acordo com os moradores, está até hoje no apelido da vila: "Suvaco da cobra". A história é contada em "causos" por moradores mais antigos. Amadeu Pereira dos Santos (65) e Jésus Vieira de Assis afirmam que havia no local muitas cobras. Certa vez, uma cobra preta, que corria atrás das pessoas no córrego, fugiu para a vila e foi morta por eles próprios com uma espingarda. Assim, eles saíram pela comunidade mostrando a cobra morta, para exibirem o feito.

De acordo com a Urbel - Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte, a ocupação da área ocorreu com a desapropriação de partes da fazenda, para a construção da Via Expressa. Em 1970, o terreno que abriga a Vila era todo ocupado por vegetação, quando foi iniciada a construção da BR-040. Dois outros fatos marcaram o processo de ocupação da Vila Califórnia e influenciaram na organização do espaço: a construção dos Conjuntos Califórnia I e II e, em seguida, o Conjunto Novo Dom Bosco.

A ausência de infra-estrutura e a precariedade do local estimularam a mobilização popular em prol de melhorias. De acordo com informações da Urbel, muitos benefícios foram implantados através de mutirões organizados pelos moradores e feitos com material fornecido pelo Poder Público.

Segundo a Associação Comunitária da Vila Califórnia, a entidade foi registrada em 1984. Uma das primeiras reivindicações da

comunidade foi a canalização do córrego, que trazia doenças, inundações na época das chuvas e mau cheiro. As obras já foram iniciadas, mas estão paradas no momento, aguardando liberação de recursos do Orçamento Participativo. Para concluir toda a infra-estrutura necessária à Vila serão utilizados recursos do BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento, através do Programa Habitar Brasil, do Governo Federal.

PERFIL CULTURAL

Uma vila peculiar, com artistas de estilos variados e histórias de superação e amor pela arte

Na Vila Califórnia existem pelo menos 20 grupos e artistas-solo, cadastrados pelo Favela é Isso Aí. A maior parte da produção artística local é na área de música e do artesanato, somando oito cadastros cada (40% do total). Em segundo lugar está a área das artes plásticas, atividade desenvolvida por 15% dos cadastrados, com representantes do Grafite e pintura em tela. A literatura tem um representante que, aliás, não deixa desejar: trata-se do trovador Oziel, escritor de contos e assíduo na literatura de cordel, selecionado para a próxima publicação do Favela é Isso Aí, na Coleção Prosa e Poesia no Morro.

As maiores dificuldades para desenvolvimento dos trabalhos são, em ordem de importância: falta de recursos materiais (relatadas por 70% dos artistas), a necessidade de divulgação (citada por 35%) e falta de espaços para produzir, ensaiar, expor e/ou apresentar (mencionada por 25% dos artistas).

ARTISTA DESTAQUE

Tecendo, tecendo, tecendo...

Benedito Camilo (68) faz tapetes artesanais há quatro anos. A atividade surgiu na vida de Sr. Bené de forma inesperada, depois de um acidente vascular cerebral, que limitou parcialmente os movimentos das mãos e pernas, impedindo o trabalho na construção civil.

Ainda em 2002, alguns meses após o acidente, a filha de Seu Bené, Cláudia, decidiu presenteá-lo e lhe deu um tear de madeira. Com o presente, o pai passou a exercitar as mãos, o que auxiliou na recuperação dos movimentos e acabou ajudando na renda da família.

Além da importância econômica, o trabalho artesanal funciona como uma terapia para seu Bené. "Enquanto faço meu trabalho, sinto minhas mãos mais fortes", diz.

Sr. Bené, personagem conhecido na vila, é parte da cena local. Ele sempre coloca a cadeira na porta de sua casa humilde, onde assenta, e com o tear em punho vai tecendo, ouvindo rádio, conversando com quem passa e vendendo seus tapetes. Um conjunto com três tapetes pequenos é vendido a quinze reais.

Telefone de Contato: (31) 3417-2544



Aos sessenta e oito anos, **Bené**, ex-operário da construção civil, faz artesanato, superando as limitações de movimentos provocadas por um acidente vascular cerebral.

EQUIPE DE PESQUISA DA VILA CALIFÓRNIA

Pesquisador: Júnio Marques da Silva

Correspondente da comunidade: Mardon Marques da Silva

História

As entrevistas mostram versões diferentes para o surgimento da Vila



Sumaré, uma espécie de orquídea que floresce sobre caules de palmeiras e árvores de grande porte, é palavra que dá nome a uma vila na Região Noroeste de Belo Horizonte. A história deste lugar começou na década de 1960, quando Belo Horizonte recebeu uma grande quantidade de pessoas vindas do interior do estado. Em 1961 começaram a chegar os primeiros moradores, facilitados pelo desmatamento de eucaliptos ocorrido entre 1956 e 1957, deixando o terreno livre.

Um levantamento para realização do Orçamento Participativo constatou que existe mais de uma versão para o início da ocupação da vila. A primeira conta que um alemão fugiu para o Brasil, após o fim da Segunda Guerra, e estabeleceu residência no local. Quando descobriram que ele era nazista, teve a casa queimada e foi obrigado a abandonar as terras. Outra versão diz que as terras pertenciam a dois irmãos, que se mudaram para São Paulo. Um ordenou-se padre e nunca mais voltou ao local e o outro faleceu, deixando as terras. Conta-se ainda que um senhor chamado Raimundo Drummond Abdala tentou usar a área como pasto e cercou grande parte dela. Colocou um empregado para evitar as constantes invasões, mas não teve sucesso.

Na ocupação, algumas pessoas se apossaram de grandes áreas, dividindo-as entre os familiares ou vendendo a terceiros. Assim, formaram-se grandes núcleos familiares. Havia uma absoluta carência de infra-estrutura: faltava água, luz, rede de esgoto, asfalto, calçamento e transporte. Os moradores, através de mutirão, buscavam soluções para os problemas.

As freiras da Ordem Clarissas Franciscanas motivaram as pessoas a se organizar para conquistar melhorias e Padre Milton Tavares da Silva, pároco atuante na Vila desde 1980, incentivou a criação de uma associação de moradores.

A primeira Associação da Vila foi registrada em 1980. Entre as conquistas da comunidade está a Creche Comunitária Vila Sumaré. A comunidade também é atendida pela Escola Princesa Isabel, o Centro de Acolhimento ao Menor Santa Inês e o Centro de Saúde Ermelinda, no Bairro Aparecida.

PERFIL CULTURAL

A Vila Sumaré tem na associação comunitária um abrigo para as ações culturais

A pesquisa realizada pela equipe do Favela é Isso Ai e correspondentes bolsistas da comunidade revelou que existem pelo menos 21 artistas-solo e grupos culturais na Vila Sumaré. A comunidade conta ainda com o abrigo da Associação de Moradores da Vila Sumaré, que funciona como espaço voltado também para atividades de grupos culturais, debates, reuniões, cursos e oficinas de artesanato. A maior parte da produção artística local é na área de artesanato, com 48% dos cadastrados, com destaque para bijuterias, fuxico e crochê. Em segundo lugar está a dança, atividade desenvolvida por seis cadastrados da comunidade. O estilo Gospel divide espaço com o Axé e o Funk, mas leva vantagem em número de representantes. A área de música é a terceira manifestação artística presente na vila, com 14% do total de artistas. O pagode, o samba e o Gospel dão o tom. Artes plásticas e teatro também estão representados. Quase 100% dos artistas relataram a falta de recursos para produzir e quase 70% reclamaram a necessidade de divulgação.

05

ARTISTA DESTAQUE

Da festa junina ao Axé

A trajetória do grupo de dança Sumaxé começou em 2005, quando o atual presidente da Associação dos Moradores da Vila Sumaré, Joanes Miranda Mercedes, o Joá, sugeriu que três rapazes e duas moças, que dançavam quadrilha na festa junina da comunidade, formassem uma equipe. Os jovens tinham em comum o amor pelo axé e a vontade de manter a cultura, originalmente baiana, viva. "Nós decidimos formar o Sumaxé porque percebemos que o gênero estava perdendo espaço para outros ritmos", diz René Fábio Miranda (26), integrante do grupo.

Os ensaios são realizados no espaço da Associação, e a contrapartida dos jovens para a entidade é o trabalho voluntário com crianças e jovens, ensinando os primeiros passos de dança. A importância do trabalho que desenvolvem com a dança, para René, está na possibilidade de mostrar à cidade que na Vila Sumaré existe cultura e não só violência:

"Nós buscamos conscientizar os jovens, passando mensagens positivas. Eu acho que a arte ajuda a superar a violência", diz.

As festas na comunidade são freqüentes. O evento "Eu Tô na Mídia" é realizado desde 2005 e já teve quatro edições. O Sumaxé faz apresentações de dança no evento e René coordena as apresentações no palco. O Sumaxé luta para superar algumas dificuldades, como a falta de espaço para apresentações, apoio e divulgação. "Nós desejamos nos apresentar em muitos lugares, não pelo dinheiro, mas pelo reconhecimento que podemos alcançar", afirma René.

Telefone de Contato: (31) 9257-7296



Jovens da Vila Sumaré dão passos em direção a **um mundo melhor**

EQUIPE DE PESQUISA DA VILA SUMARÉ

Pesquisador: Juliano César Pereira Jardim

Correspondentes da comunidade: Nadson Silva das Mercedes e Paulo Henrique Martins

CONJUNTO MARIANO DE ABREU E VILA BOA VISTA

História

Mariano de Abreu e Vila Boa Vista, uma história quase única para comunidades vizinhas



O Conjunto Mariano de Abreu e a Vila Boa Vista estão localizados lado a lado, na região Leste de Belo Horizonte. Até o ano 2000, o acesso à região era precário, mas a canalização do Rio Arrudas, a extensão da Avenida dos Andradas e a construção do Metrô foram fatores que facilitaram a integração da área.

A Vila Boa Vista fica entre os bairros São Geraldo e Boa Vista e sua ocupação foi iniciada em 1940. É conhecida também como Parque Horto. Sessenta e sete anos após o início da ocupação, a vila ainda não possui equipamento comunitário, posto de saúde, área de lazer e igreja católica.

Em 23 de fevereiro de 1985, data da realização da primeira edição do Festival de Música Rock In Rio, no Rio de Janeiro, foi organizado o mutirão para a construção das casas do Conjunto Mariano de Abreu, motivo pelo qual o conjunto foi apelidado popularmente como Rock In Rio.

De acordo com depoimentos de moradores mais antigos, o Conjunto foi ocupado por famílias vindas de várias áreas de risco de Belo Horizonte. A área era toda coberta por vegetação e não havia água, luz ou ruas pavimentadas, e as primeiras moradias eram improvisadas debaixo de lonas.

A primeira associação de moradores criada na região foi a AMA - Associação dos Moradores do Mariano de Abreu e do Parque Horto e nasceu em 1980. Depois dela vieram várias outras. A Vila Boa Vista é representada pela ASCOVIBV - Associação Comunitária da Vila Boa Vista e o Conjunto

Mariano de Abreu também tem sua própria entidade representativa.

Os interesses em conquistar melhorias nas áreas de moradia, cultura, lazer e saúde continuam em pauta nas reuniões. Hoje as associações trabalham fomentando um diálogo de troca de conhecimentos, para gerar benefícios tanto para a Vila Boa Vista quanto para o Conjunto Mariano de Abreu.

PERFIL CULTURAL

A riqueza cultural das comunidades está estampada na diversidade dos grupos, desde a dança afro até a decoração com papel reciclado

No Conjunto Mariano de Abreu e Vila Boa Vista foram cadastrados 25 artistas-solo e grupos culturais. A maior parte da produção artística local é na área da música, somando 40% do total de entrevistados. A variedade é assustadora e contempla Rock, Gospel, música clássica, erudita, sertanejo, funk, pagode, percussão, samba, chorinho e MPB. Em segundo lugar vêm o artesanato e a dança, representados na comunidade com seis cadastrados cada um. As Artes Visuais estão representadas por profissionais da fotografia e vídeo e as Artes Plásticas pelos grafiteiros.

A maior necessidade relatada é a de recursos materiais e financeiros, citada por 80% dos entrevistados.

ARTISTA DESTAQUE

Aruê das Gerais mantém o brilho da cultura afro

Dança, canto e percussão fazem parte, há vinte e um anos, da rotina da comunidade do bairro São Geraldo. O motivo é a presença da Associação Cultural Aruê das Gerais, grupo cultural fundado em 1985. Idealizado pela coreógrafa e coordenadora Rosângela Goulart, o Aruê surgiu logo após

a extinção do grupo Quilombo das Gerais, do qual participava como dançarina. O nome do grupo nasceu de uma música de capoeira, chamada "Aruê". O significado da palavra Aruê é brilho e o objetivo do grupo é manter as raízes da cultura afro-brasileira, tendo como manifestações o canto, a dança e a percussão.

Rô Fatawá, como Rosângela é conhecida, conta que no começo o desejo era trabalhar com a dança e cantos de dialetos africanos. Porém, a dificuldade de encontrar alguém que pudesse realizar as traduções para o português acabou por vetar a idéia, fazendo com que o Aruê das Gerais optasse por trabalhar a cultura afro-brasileira.

O Aruê das Gerais se reúne semanalmente, aos domingos, adequando o tempo de ensaio dos trinta e cinco componentes ao tempo de duração dos espetáculos, considerando coreografias em grupo, solos, canto e percussão. Os ensaios acontecem na sede provisória, integrada ao espaço do bar e restaurante da Rô, o Tô de Boa (veja dica na última página).

Desde 2005 o Aruê integrou-se à Rede Telemig Celular de Arte e Cidadania, tendo obtido patrocínio para seu projeto através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura.



Foto: Pedro David - Caixa Preta Fotografia

Tradicional em Belo Horizonte, o grupo Aruê das Gerais, do Conjunto Mariano de Abreu, luta para manter viva a cultura afro no Brasil

Telefone de Contato: 31 3488-3838

EQUIPE DE PESQUISA DO CONJUNTO MARIANO DE ABREU E VILA BOA VISTA

Pesquisador: Júnio Marques da Silva - Blitz

Correspondentes da comunidade: Juliana Virgínia Goulart e Lorayne Amaral Nicolau

Favela é Isso Aí mostra que tem gente de todo lado fazendo desse planeta um lugar melhor para viver.
Acompanhe algumas experiências.

SEM MEDIDAS

Ainda iremos saber como medir os impactos gerados pelo investimento no desenvolvimento humano. Além dos números, talvez o tempo nos ajude a objetivar essas mudanças, que parecem habitar apenas o mundo interior das pessoas. Resultados de projetos desse tipo nem sempre cabem em medidas exatas e no caso do Projecta Cultura, de Santa Fé, Argentina, isso também não é o mais importante. A ação, independente de tudo e com todos, vale muito. E assim, há quatro anos, essa proposta de trabalho vem se fazendo conhecer.

Na sede do Projecta Cultura em Santa Fé, conhecido como Espacio Zero, o trabalho começa com o estímulo à participação juvenil, tendo como premissa a liberdade cultural e o desenvolvimento criativo. Podendo fazer escolhas, os jovens trocaram as lan-houses, "praticamente o único lugar em que podiam se encontrar e ficar toda a tarde gastando pouco", pela gestão compartilhada e ativa do Espacio Zero, um espaço cultural múltiplo onde eles assumem novas funções, descobrem habilidades e prazeres e contribuem, individualmente, para a construção do coletivo.

É como se a consciência dos direitos de acesso à arte e à cultura, a confiança e o sentimento de pertencimento dos jovens se revertissem em práticas criativas e ações autônomas. Assim, os eles são co-autores de projetos como o "Recriando a Cidade", de intervenções artísticas e visuais em espaços públicos da cidade; o "Maleducados", onde participam de atividades complementares ao ensino tradicional, com música, fotografia, desenho e audiovisual ou mesmo o "Arts e Crafts", que busca facilitar a inserção de jovens no mercado de trabalho, ensinan-

do alguns ofícios relacionados ao artesanato e desenho gráfico.

Acreditando que "não precisamos fazer a mesma coisa para estarmos juntos", o Projecta Cultura aposta no respeito à diversidade e, além dessa atuação regional, vem conquistando parcerias em todo mundo, criando redes onde conhecimentos são compartilhados e novas práticas são experimentadas.

Fazem parte do projeto gestores e diferentes profissionais de diversas partes do mundo. O objetivo, como eles mesmos dizem, é "construir mecanismos de gestão cultural, programas e projetos de base local, fortalecidos por uma visão ampla e por uma proposta cooperativa global". Por isso, se você visitar o site www.projectacultura.org vai descobrir mais do que as ações realizadas, vai acessar também informações diferentes sobre gestão, cultura e desenvolvimento, modelos de cooperação, dentre muitos outros assuntos.

Por trás de todos os feitos existe o olhar e a ação da argentina Romina Bianchi, que ministra oficinas de direito cultural mundo afora e coordena a instituição. Inquietada pelas questões relacionadas à juventude, à ciência política, aos movimentos sociais e com proposta de gerar trabalhos alternativos para os jovens, em julho de 2004 Romina deu vida ao Projecta Cultura. Pouco investimento, infra-estrutura limitada. "Não há nenhum tipo de financiamento no projeto, e isso não quer dizer que o trabalho fique parado". Visão, consciência e articulação mais do que suficientes pra comprovar que se ganha na diversidade e no investimento a longo prazo, mesmo que esse "valor" não comporte coeficientes numéricos. "Não há como medir quantos estão envolvidos, essa rede é infinita". Imagine então os resultados.

07

NOSSA VEZ

Fique atento às ofertas da Fundep - Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa. A entidade ligada à UFMG disponibiliza informações sobre cursos diversos, inclusive na área de formação artística para música, artes cênicas e belas artes. Algumas atividades têm custo baixo e outras ofertam bolsas integrais. De toda forma, é preciso pesquisar bastante e ficar atento aos critérios para a seleção de bolsistas. O site é <http://www.fundep.ufmg.br>.

Informações: (31) 3499-4220

FAVELA É ISSO AÍ RECOMENDA

A cada edição do Jornal Favela é Isso Aí indicaremos um livro, um filme e um disco que tenham como tema a periferia, além de lugares a frequentar e artistas a conhecer. Fique mais próximo da cultura nas vilas e favelas. **Confira as dicas.**



Clarice Libânio

Abusado, de Caco Barcellos, é um livro que traz ao leitor sentimentos muito diversos e até contraditórios. Contando a trajetória de Juliano VP, traficante do Morro Dona Marta, Rio de Janeiro, o livro mostra claramente como a mídia constrói mitos, imagens de heróis e bandidos, e como um sistema injusto e perverso contribui para destruir a vida e a esperança de toda uma geração de jovens nos morros. Leitura obrigatória!

Ficha Técnica: Abusado, o dono do morro Dona Marta. Barcellos, Caco. Editora Record: Rio de Janeiro, 2005.

Onde Encontrar: Siciliano, Leitura e outras livrarias.



Ed +

"Faço Solo Mais Nunca Estou Só" é o CD de Jefferson Cleber dos Santos, o Clebin. Morador da Vila Maria ele compõe e canta rap desde 1996, fazendo parte atualmente do Grupo Rap em Fatos. O álbum, de 2006, é o primeiro experimento sonoro lançado pelo selo coletivo "Produto Tosco Indelével", produzido e gravado em um estúdio caseiro do próprio artista. O disco traz as referências de Clebin, com letras politizadas e samplers de músicas brasileiras. O artista usa músicas de outros músicos como Diana, Lindomar Castilho e Chico Buarque.

Preço Sugerido: R\$ 5,00

Contato: Clebin (31) 8811-6619

E-mail: clebinref@yahoo.com.br



César Maurício

Com roteiro de Lúcia Murat e Paulo Lins - autor do livro Cidade de Deus -, o filme é baseado em uma história real: aproximações e afastamentos entre um jovem da elite carioca e um morador da favela. O filme é contado em três tempos: década de 1950, quando eram crianças e amigos; passando pelos anos de chumbo - quando estiveram presos juntos (um preso político, o outro, preso comum) -; até os anos 2000 - onde o abismo entre o deputado e o traficante mostra-se definitivamente intransponível. O filme mostra o nascimento do Comando Vermelho dentro do presídio de Ilha Grande. Vale a pena!

Nome: Quase dois irmãos

Direção: Lúcia Murat

Ano de produção: 2004

Distribuição: Califórnia Filmes

Onde encontrar: procure em sua locadora



Edilene Lopes

Conheça o trabalho de **Allan dos Santos**. As gamelas feitas pelo jovem, ofício herdado do pai, Mestre Orlando, são peças decorativas maravilhosas, perfeitas para quem quer dar um toque afro ao ambiente. As peças podem ser encontradas em tamanhos diversos.

Contato: (31) 3435-5973 ou 9143-1623

Onde encontrar: As peças ficam expostas e são vendidas no Mercado Central, na loja do Palácio das Artes e do SESC Tupinambás.

Preços: a partir de R\$ 25



Luciana Matsushita

O **Bar e Restaurante Tô de Boa** é uma excelente opção para saborear deliciosas porções, caldos, salgados e almoço com cardápio variado, diariamente. Aos finais de semana, o Tô de Boa recebe apresentações artísticas: sábado, de 16 às 18h, acontece o ensaio de percussão do bloco afro "Aruê das Gerais" e aos domingos, de 9 às 11h, o ensaio de dança do mesmo grupo, coordenado e dirigido por Ro Fatawá, proprietária do bar. Domingo, ao fim de tarde, é a vez de cair no samba, com a banda "Coisa de Raiz".

Endereço: Avenida Itaité, 1033 - São Geraldo, esquina com Rua Lassance - Final da linha de ônibus 9502.

Telefone: (31) 3488-3838



quem somos

Favela é Isso Aí é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2004 com o objetivo de proporcionar a inserção social e a construção da cidadania, através do apoio e divulgação das ações de arte e cultura da periferia.

Um de nossos projetos é o Estúdio Comunitário Favela é Isso Aí, que já conta com parte dos recursos para sua implantação, via Lei Municipal de Incentivo à Cultura / Fundo de Projetos Culturais. Aprovado também pela Lei Rouanet, aguarda captação de recursos para entrar em funcionamento. Para conhecer outros projetos, acesse: www.favelaeissoai.com.br

apoio

GRÁFICA E EDITORA
LUTAD
PROJETO EDITORIA SOCIAL

Valor Social
CONSULTORIA SÓCIO-CULTURAL